



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**SÔNIA APARECIDA DA SILVA PAULINO**

**A MAGIA DA ESMERALDA NA TRANSFORMAÇÃO  
DA PESSOA NEGRA**

**GUARABIRA**

**2014**

**SÔNIA APARECIDA DA SILVA PAULINO**

**A MAGIA DA ESMERALDA NA TRANSFORMAÇÃO  
DA PESSOA NEGRA**

Monografia apresentada em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, à Universidade Estadual da Paraíba- Campus III, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca.

**GUARABIRA**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P328m Paulino, Sônia Aparecida da Silva  
A magia da Esmeralda na transformação da pessoa negra  
[manuscrito] : / Sônia Aparecida da Silva Paulino. - 2014.  
42 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Ivonildes Fonseca da Silva, Departamento de".

1. Literatura Infantil. 2. Identidade Afro-brasileira. 3.  
Preconceito Racial. I. Título.

21. ed. CDD 028.5

**SÔNIA APARECIDA DA SILVA PAULINO**

**A MAGIA DA ESMERALDA NA TRANSFORMAÇÃO  
DA PESSOA NEGRA**

Aprovada em 22/07/2014



Profª Drª Ivonildes da Silva Fonseca / UEPB

Orientadora



Profª Ms. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante / UEPB

Examinadora



Profª Ms. Emilia Cristina Ferreira de Barros / UEPB

Examinadora

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus filhos, Sonaly, Sandra, Robério e Suênia, que ao longo desta trajetória sempre me incentivaram com muito amor.

Ao meu esposo Roberto que também me deu apoio e compreensão.

Ao meu pai, mesmo à distância me fortalece.

Às minhas amigas da turma 2010.2, muito obrigada.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu glorioso Deus, que me proporcionou esta oportunidade de conhecimento.

Aos meus professores, pela contribuição efetiva na minha formação acadêmica.

À minhas amigas de curso: Maria Betânia de Lima, Maria de Fátima Souza e Josefa Pontes Claudino por todos os momentos bons, divertidos, alegres e difíceis, mas que compartilhamos com sabedoria, através de objetivos em comuns para concretizar um grande sonho, a finalização do Curso de Pedagogia.

## RESUMO

Este trabalho originado de pesquisa de natureza bibliográfica destina-se a investigar a condição do negro, a representação e identidade, no livro *Amanhecer Esmeralda* (2014), do escritor brasileiro Ferréz. Para alcançar o objetivo privilegiou-se a abordagem sobre racismo, discriminação e preconceito existentes no contexto da sociedade brasileira, bem como dentro das instituições escolares. Nosso embasamento teórico baseia-se na contextualização histórica do negro no Brasil, buscando explicitar a condição sociocultural dos afrodescendente, e como tem se modificado as estruturas socioculturais do universo contemporâneo.

Palavras-chave: Literatura infantil- racismo; Identidade afro-brasileira-literatura; Preconceito racial-escola.

## **ABSTRACT**

This research originated bibliographic nature intended to investigate the condition of the black, its representation and identity, the book *Amanhecer Esmeralda* (2014), the Brazilian writer Ferréz. To achieve the goal we focused on the approach on racism, discrimination and prejudice exist within Brazilian society as well as within schools. Our theoretical framework is based on the historical context of black people in Brazil, seeking to clarify the sociocultural status of African descent, and how it has changed the socio-cultural structures of contemporary universe.

Keywords: Children's Literature-racism; African-Brazilian literature-identity; Prejudice-racial school



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO NEGRO NO BRASIL .....	11
1.1 TRÁFICO DA POPULAÇÃO NEGRA PARA O BRASIL E AS CONSEQUÊNCIAS HISTÓRICAS DA ESCRAVIDÃO.....	11
1.2 RACISMO, DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO: ABORDAGEM CONCEITUAL.....	15
1.3 RACISMO NA ESCOLA.....	17
2 PERSPECTIVA DO NEGRO NA LITERATURA DE FERRÉZ.....	20
2.1 FERRÉZ, PESSOA E CONTEXTO: BREVES PALAVRAS.....	20
2.2 AMANHECER ESMERALDA: UM NOVO AMANHECER.....	22
3 A CONDIÇÃO DO NEGRO REVISITADA: UMA ANÁLISE DA NARRATIVA AMANHECER ESMERALDA, DE FERRÉZ.....	22
3.1 AS CATEGORIAS NARRATIVAS.....	22
3.2 UM OLHAR SOBRE O UNIVERSO DE MANHÃ.....	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS .....	41

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga a condição do negro, sua representação e identidade, tomando como base o livro *Amanhecer Esmeralda* (2014), do escritor brasileiro Reginaldo Ferreira da Silva (FERRÉZ). A narrativa estudada privilegia a natureza existencial do negro e as dificuldades por ele enfrentadas, frente ao preconceito e discriminação arraigados no Brasil.

O autor apresenta-nos o ambiente da herança negra, relegada a sua semilibertação, que se traduz nas disparidades socioeconômicas. Assim, nossa investigação adentra os ambientes moldados pelo narrador criado por Ferréz, observando as imagens que representam a história de uma menina negra e de sua identidade.

A definição de identidade está inteiramente relacionada com a definição de reconhecer a diferença. Como afirma Oliveira (2006, p.27) “é na relação com o outro que me identifico como o não-outro”.

Esta pesquisa se faz importante, porque tentar mostrar a relevância sociocultural e educacional em trazer a imagem da criança negra e sua face dentro da literatura infanto-juvenil, pois durante muito tempo conhecemos as imagens das heroínas dos contos infantis: Cinderela, Branca de Neve, entre outras, meninas ricas, brancas e que de algum modo suas vidas foram prejudicadas, será através das pessoas: fada madrinha e do príncipe encantado que veem seu futuro mudar.

No primeiro ponto deste trabalho, contextualizamos historicamente o negro, abordamos o que é racismo, discriminação e preconceito, bem como sua repercussão dentro do ambiente escolar.

No segundo momento de nosso estudo contextualizamos a vida e obra do autor Ferréz, que é um dos maiores escritores contemporâneo de nossa literatura, este preocupado em contar e externar o local de enunciação dos narradores criados por ele, retomando para reflexão as atuais condições culturais e materiais da população negra e afrodescendentes.

A terceira parte de nossa pesquisa, dedica-se a um olhar sobre a narrativa *Amanhecer Esmeralda* (2014), na qual a protagonista passa de mais um exemplo de criança negra, pobre, acuada e com seus sonhos cerceados, a criança negra conhecedora de sua identidade e capaz de reinventar sua própria história.

Buscamos, assim, contribuir satisfatoriamente em torno da busca de identidade afrodescendente e da resignificação do negro dentro da literatura infanto-juvenil.

# **A MAGIA DA ESMERALDA NA TRANSFORMAÇÃO DA PESSOA NEGRA**

## **1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO NEGRO NO BRASIL**

### **1.1 Tráfico da população negra para o Brasil e as consequências históricas da escravidão.**

Por volta de 1550 começou um dos maiores massacres e escravidão de toda história, o tráfico de seres humanos. A maior parte dos negros africanos que aqui chegaram vieram através do rapto, estes foram vítimas de emboscadas e ataques com o fim de escravizá-los, esses sequestros eram orquestrados pelos portugueses muitas vezes ajudados ou intermediados por outros africanos, outra forma de captura se dava através da prisão em guerras.

O povo africano era “dominado” através de abusos, violências e até mortes, o castigo físico transformou-se num elemento eficiente de dominação. No Brasil colônia os povos negro e indígena eram usados e explorados como mão de obra da economia do Brasil, usados, sobretudo na exploração de minas de ouro e na produção açucareira.

A população negra no período colonial e imperial não teve um crescimento expressivo, pois este crescimento populacional se dava através do tráfico de pessoas negras e não pelos nascidos neste país, o tráfico era em sua maior parte feito a homens, e poucas mulheres eram trazidas para cá, tendo em vista que as mulheres eram pouco empregadas no trabalho braçal, elas eram mais utilizadas no serviço doméstico e na colheita, isto explica o desequilíbrio que havia entre homens e mulheres. Além disso, “os donos” de escravos não se preocupavam com a reprodução natural, para eles era mais barato comprar um novo escravo homem que logo lhe daria lucros, do que preocupar-se em gastar com a alimentação de uma criança, onde esta lhe daria apenas despesas.

O nosso país recebeu mais de um terço de africanos que foram trazidos para a América, boa parte eram da África subsariana, teve um contingente que alguns citam chegar a mais de três milhões de homens sequestrados. Falamos em torno de dez milhões de africanos traficados para as Américas, mas cabe salientar, que não tem um dado preciso, pois havia muitas mortes, fossem pelos maus tratos ou até mesmo por seres mortos, aqueles que resistiam até a morte à escravização, estes não eram contados como pessoas mortas, mas como peças, objetos, animalizados e a todo o momento desmerecido.

A escravidão fincou raízes profundas na sociedade brasileira, mas a de considerar que toda a população africana resistiu bravamente em todos os séculos em que a escravidão humana perdurou. Naquela época toda a economia portuguesa e americana dependia do trabalho escravo, por isso o Brasil foi o último país a abolir a escravidão. Além da demanda econômica, a escravidão foi justificada pelo branco através do discurso cristão, este que defendia e definia a escravização como um tipo de castigo que iria aproximar o negro do cristianismo.

Munanga (2001) Argumenta acerca da dominação colonial na África que utilizou a justificativa de ter a missão de civilizar os africanos “selvagens” e convertê-los aos costumes europeus, que o negro poderia ser doente ou desvirtuado, tendo este que ser convertido ao cristianismo. Na simbologia das cores europeia a cor preta representava uma mancha moral e física, a morte a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza.

Usava-se todo e qualquer tipo de argumento na tentativa de diminuir ou até mesmo anular qualquer herança genética ou ancestral da África, até a posição geográfica do continente serviu de pretexto para tentar justificar a suposta inferiorização negra.

A desvalorização e a alienação do negro estende-se a tudo que toca a ele: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte, etc. Seu continente é quente demais, de clima viciado, malcheiroso, de geografia tão desesperada que o condena à pobreza e à eterna dependência. O ser negro é uma degeneração devido à temperatura excessivamente quente. (MUNANGA, 2001, P.21)

O tráfico internacional dos negros para o Brasil só passou a ser combatido através da Lei Eusébio de Queirós (1850), depois que a Inglaterra passou a pressionar o Brasil na esfera política e militar. A escravização teve uma diminuição com a Lei do Ventre Livre no Séc. XIX, mas só fora abolida definitivamente com a lei Áurea (1888).

Os primeiros negros que foram libertos em nosso país, se deu através da compra da carta de alforria, instrumento legal juridicamente que dava aos escravos a liberdade. Em contra partida, os ex- escravos se deparavam sem dinheiro, sem moradia, sem oportunidade de trabalho e estudo, sendo estes forçados a aceitar todo tipo de trabalho.

O Estado brasileiro por muito tempo estimulou o racismo através da política de branqueamento, a mais difundida foi a proibição da entrada de negros neste país, e na mesma lei a abertura dos nossos portos para o branco na tentativa de branquear o país, promovia a entrada de imigrantes europeus neste país. Ainda hoje há neste país a política do branqueamento, só que se faz de forma velada.

Martiniano J. Silva (2001) fala acerca do racismo no Brasil dizendo que este recebe várias denominações das quais racismo mascarado, velado ou sutil ou seja, o racismo não acontece explicitamente porque hoje temos leis severas que traz o racismo como um crime inafiançável, e mesmo que uma pessoa tente discriminar um negro não o pode fazer explicitamente, mas este tipo de atitude ainda acontece demais, sobretudo no cotidiano escolar. Neste se observam os apelidos ou frases de menosprezo no que toca ao negro, nas instituições trabalhistas, onde pedem currículos com foto e descrição social.

Ocasionalmente pretos são chamados de negros ou afro-brasileiros. Nos últimos anos o IBGE em suas análises de indicadores socioeconômicos, vem agregando as categorias pardos e pretos numa única categoria denominada de negros. Esta forma de categorizar não esta diretamente ligada à origem racial, cultural, de cor, genética ou antropológica, mas esta diretamente ligado as semelhantes condições de vida dos brasileiros, a explicação dada por aquele órgão é que pretos e pardos são parecidos e que a origem da palavra negro faz com que ele possa ser usado em outro contexto e não quando se trata de populações africanas. Porém esta decisão tem causado muitas polêmicas, pois

não é um senso comum na sociedade brasileira. Os brasileiros, geralmente utilizam-se dos mais variados termos raciais para denominarem uns aos outros numa perspectiva multicultural e multifacetada. No Brasil a raça é definida com base na aparência, colocando critérios subjetivos a frente da ancestralidade, da etnia.

Munanga (1999,p.35) diz que :

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, tem um ancestral comum; tem uma língua em comum; uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.

Já Cunha Júnior (2000) define a etnia como “resultado identitário, compreendendo uma origem cultural comum e um processo histórico comum”.

O povo negro infelizmente ainda sofre com a opressão social, continua no cativeiro da pobreza, da violência e da pouca educação.

A de considerar que durante muito tempo a população afro- descendente não se reconhecia ou ainda não se reconhece pela sua ancestralidade, por terem vergonha de suas origens negras, esta associada a escravidão, remetendo-se a um passado de humilhação, sofrimento, pelos estereótipos negativos que foram sendo construídos ao longo de toda historicidade do negro, sendo este associado a seres inferiores, demônio, a feiura, a pobreza, a vileza, a criminalidade, entre outros.

Nancy Leys Stepan traz em seu artigo intitulado Raça e Gênero: o papel da analogia na ciência (1994) ela discute “a posição binária entre a negritude e a brancura, foi tão bem estabelecida que a negritude era associada a vileza, culpa, demônio, feiura, e a brancura a virtude, pureza, santidade e beleza” (1994, p.77). Diversas teorias patológicas foram elaboradas e publicadas para justificar essa suposta diferença entre negros e brancos.

No Séc XX, as elites deste país passam a interessar-se pela cultura negra, como o samba e as demais danças afro-brasileiras, neste período as religiões africanas passam a ser menos perseguidas. O futebol, outrora apenas jogado por brancos, passaram a ser jogados por pretos. Enfim, a cultura afro-brasileira passou a destacar-se nas camadas sociais, mas a de considerar que

a participação de pretos é muito pequena na literatura, nas ciências, na política, aliás, nas diversas esferas onde estão as elites.

Lopes (1995) diz que “o processo de libertação dos escravos não se deu por uma mentalidade humanística da elite brasileira, mas da emergência da reestruturação produtiva cujo fim do regime servil de trabalho era pré-condição”.

As elites brasileiras não mudaram de opinião e entenderam o quão massacraram e humilharam o povo negro, na verdade o que houve foram pressões exteriores para que o Brasil terminasse de uma vez por todas com o sistema escravocrata, sob a ameaça de uma recessão financeira e política. Desse modo a elite continua garantindo a manutenção no controle social.

Na tentativa de minimizar os grandes danos que deram a população negra, os nossos governantes tem criado políticas públicas que visão melhorias nas condições de vida social, econômica e cultural do negro, para que ele se reconheça enquanto negro e assuma essa negritude de forma positiva, como a Lei N° 10.639/2003, que obriga o ensino de História e cultura afro-brasileira nas escolas, a Lei N° 12.288/2010 o estatuto da Igualdade racial, Lei N° 12.519/2011 que institui o Dia da Consciência negra e a lei N°12.711/2012 - Lei de cotas raciais no ensino superior.

Atualmente em nosso país, há uma crescente imigração advinda de países que falam o português como: Angola, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, estas pessoas vem em busca de oportunidades seja estudantil ou de trabalho, muitas universidades públicas e particulares tem um número expressivo de estudantes africanos.

## **1.2 Racismo, discriminação e preconceito: abordagem conceitual.**

Racismo é uma teoria que veio defender a existência de características que podem diferenciar os homens por meio da detecção das raças, usando como base diferenças físicas hereditárias, inteligência, manifestações culturais,



entre outros, enfim, o racismo não se resume a meros estudos e teorias que venham a valorizar tais diferenças, ele é na verdade um conjunto de ideologias que segrega os seres humanos.

Originado de fato entre os séc. XVI e XVII, tomando maiores proporções neste último, cientistas passaram a defender ideias que vieram dividir a classe humana em duas categorias: as raças superiores e as inferiores, melhores ou piores. Surgem então, estudos e teorias que acentuam ainda mais a existência destas supostas diferenças, se projetando cada vez mais com as teorias de Darwin, esta que vem a “legitimar” uma hierarquia, onde o branco seria superior às demais raças, baseando-se na intolerância religiosa e cultural, para acrescentar à racial. Com o fim do Iluminismo, começam a ser elaborados estudos e teorias sobre as diferenças humanas para distinguir e afirmar discursos que desigualam as raças.

Discriminação, termo utilizado para distinguir ou diferenciar. No entanto, o sentido mais comum desta palavra aborda a discriminação como fenômeno sociológico.

A discriminação acontece quando há uma atitude adversa perante uma característica específica e diferente. Alguém pode ser discriminado por causa da sua raça, do seu gênero, religião, situação social, orientação sexual, nacionalidade etc.

Uma atitude discriminatória não anula os direitos fundamentais do ser humano, agindo com discriminação acabamos prejudicando um indivíduo seja no seu contexto social, cultural, político ou econômico.

Já o preconceito, que é gerado em pessoas intolerantes e autoritárias, é um juízo preconcebido, que se manifesta de maneira discriminatória perante pessoas, lugares ou tradições, considerando deturpada a visão de grupos diferente. Há vários tipos de preconceitos, podemos citar como mais comuns: de raça, de gênero, sexual, social etc.

Ele é uma atitude discriminatória, ideia antecipada de algo ou alguém, não tem uma fundamentação séria, embasado em domínio reais e racionais, não tem um conhecimento fundamentado.

A discriminação é originada em um preconceito, e por isso estes dois conceitos, apesar de serem relacionados, são diferentes. O preconceito não pressupõe o ato de tratar diferentemente uma pessoa, pode simplesmente fazer parte de uma estrutura mental. A discriminação é fruto desse preconceito, a concretização dessa forma de pensamento.

No entanto, o racismo é a pior forma de discriminação, ele é uma das formas mais frequentes da discriminação, é a exclusão de uma pessoa colocando como base restritiva a cor, a raça ou etnia. É a pior forma discriminatória porque o discriminado não pode mudar sua natureza, a discriminação racial como ela se apresenta hoje é relativamente recente, não havendo preconceito racial até antes do séc.XV, e o grande líder africano Leopold Senghor afirma que “o racismo-etnocentrismo carregado de diferenças raciais, reais ou imaginárias, não tem mais que quatro séculos.” ( Memmi apud. PEREIRA, 1978, p. 22).

Foi na Idade Média que se deu uma forte discussão, a partir dos intelectuais ligados a Igreja Católica Romana a respeito da superioridade de uma raça sobre a outra, lançando as fortes bases do racismo moderno. Produzindo desde o século XV, tentando provar a inferioridade do negro e do índio diante do branco, supostamente a raça superior. (MUNANGA, 2005, p.44)

A discriminação e o preconceito foram se fortalecendo no dia-a-dia, criando fortíssimas raízes no imaginário popular, já o racismo, tornou-se uma ideologia bem elaborada, sendo fruto da ciência europeia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África. Esta ideologia racista foi a partir da escravidão negra, adquirindo estatuto e teoria após a revolução industrial europeia. (MUNANGA, 2005, p.49)

### **1.3 Racismo na escola**

A herança social de um povo é legada as futuras gerações por meio da educação. A escola tradicional, preponderante no Brasil, restou como única possibilidade o aprendizado do colonizador, assim a memória que lhe atribui é

a do seu povo. A história de seus ancestrais africanos é substituída pela história europeia, povos de pele e olhos claros, que em nada se assemelham aos povos negros, seja pela diferença física seja pelas diferentes heranças culturais.

E para fazer parte da vida social tem que aprender também uma língua, então torna-se um estrangeiro dentro de sua própria terra.

A língua do colonizador não possui dignidade nenhuma no país e nos concertos dos povos. Se o negro quiser obter uma colocação, conquistar um lugar, existir na cidade e no mundo deve primeiramente dominar a estranha de seus senhores

(MUNANGA, 2001, p. 24).

Trabalhar com a temática racial na escola é fator importante para tentar desconstruir as narrativas predominantes nas escolas, construir e contar uma outra narrativa de valorização da diversidade, das práticas, experiências e lutas que fazem parte da vida das pessoas e dos alunos. Assim a escola e o currículo podem procurar desconstruir as identidades essencializadas e estereotipadas, e proporcionar a construção de práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial, dentro do contexto escolar, e também a valorização das diferentes identidades em construção presente no cotidiano escolar.

Peter McLaren (2000, p.95) afirma que é preciso assumir a questão da diferença e criar políticas de construção de alianças, de sonhos compartilhados de solidariedade que avance para além de posturas condescendentes, como por exemplo, “a semana das raças”, que na verdade servem para manter as formas de racismo institucionalizado intactas.

Segundo McLaren, “a tensão entre múltiplas etnicidade e a política da justiça universal é a questão urgente do atual milênio”. Para ele, a questão central para os “educadores críticos é desenvolver um currículo e uma pedagogia multicultural que se preocupem com a especificidade em termos de raça, classe, gênero, orientação sexual etc. da diferença.” (2000, p.70)

Num país como o Brasil, multicultural e multifacetado não há como ignorar esta realidade, não se pode ter uma homogeneidade de povos e de

cultura, onde estas especificidades tem que ser respeitadas, tendo suas primeiras instruções e conhecimento no âmbito escolar e familiar.

Já Eliane Cavalleiro (2003) apresenta em suas pesquisas várias situações sobre a criança negra no cotidiano escolar e afirma que no momento atual urge um redimensionamento das ações voltadas para a superação das desigualdades entre negros e brancos na sociedade.

Cavalleiro apresenta um contexto marcado pela exclusão e discriminação das crianças oriundas das classes populares, onde o racismo ainda predomina nas relações vividas no espaço escolar e afirma “o silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola” (id.p.98).

Partimos, pois deste princípio, para refletirmos inicialmente a historicidade da criança negra na escola brasileira e nesta perspectiva desenvolver estudos bibliográficos que problematize e também traga possíveis soluções para neutralizar os conflitos internos e externos existentes entre criança branca e negra no cotidiano escolar brasileiro, assim fortalecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais com a Lei N°9394/96 que estabelece as Diretrizes e bases da educação nacional.

Kramer (2002) afirma que seria enriquecedor se considerássemos a criança como sujeito da história, ao invés de olhar para a criança como um sujeito deslocado de sua classe social, de sua cultura, de sua etnia e de sua história. Ela ainda diz que “uma visão de criança cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história, ao mesmo tempo em que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporânea” (id, P.43).

De acordo com Fazzi (2006, p.218) a socialização entre as crianças constitui um momento de suma importância em que as crenças e noções raciais já internalizadas são experimentadas e testadas pelas crianças. Assim, nessas interações entre si, as crianças vão aprendendo o que significa ser de uma categoria racial ou de outra, criando e recriando o significado social da raça.

Embora o preconceito racial esteja na estrutura da sociedade brasileira, ao longo do tempo, ele foi e ainda está encoberto com um falso discurso de

igualdade étnico-racial. Mas foi nas últimas décadas do séc. XX que o racismo passou a ser um fator estruturante das relações sociais no Brasil. A partir dos trabalhos do Movimento Negro brasileiro, que os desencontros entre negros e brancos passaram a ser questionados. A partir desta luta surgem leis que obriga as escolas brasileiras a acrescentar no currículo escolar o ensino de história e cultura afro-brasileira, a partir da Lei N°10639/2003.

## **2 PERSPECTIVA DO NEGRO NA LITERATURA DE FERRÉZ**

### **2.1 FERRÉZ, pessoa e contexto: breves palavras.**

Reginaldo Ferreira da Silva, nascido em São Paulo em 29 de dezembro de 1975, menino pobre do bairro cantinho do céu, que vai morar também no Valo Velho onde passou parte de sua infância, e muda-se para Capão Redondo aonde sua vida irá se transformar completamente, Reginaldo passa a se nomear Ferréz, pseudônimo criado por ele mesmo, que une Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (Ferre) e Zumbi dos Palmares (z).

Durante o tempo em que esteve na escola, Ferréz fora considerado um aluno desatento, mas não tirava notas ruins, para ele a escola alongava demais os caminhos do aprendizado deixando as crianças pouco instigadas a estudarem, a escola na visão de Ferréz, não estimula o alunado a ler um bom livro, mas impõe a leitura:

Na escola eu tive bastante dificuldade, porque eu não prestava atenção na aula, mas ao mesmo tempo eu sabia a lição. Então eu tirava boas notas, prestava atenção no professor, e até hoje os professores perguntam como é que pode esse cara nunca prestou atenção, e esse cara sabia as matérias. Eu achava que 20 minutos do que o professor falava eu já entendia, o resto era discurso meio no vazio.( [tatodemacedo.blogspot.com.br/2009](http://tatodemacedo.blogspot.com.br/2009)).

Desde cedo passou a trabalhar, ajudava a sua família entregando pães, trabalhou também como balconista, auxiliar geral, arquivista, pintor, vendeu camisas, e acabou criando sua própria loja, criou sua própria marca DASUL.

Considerado autor de Literatura Marginal, esta desenvolvida na periferia dos grandes centros, que vem a tratar de temas peculiares àquele universo, aonde as políticas públicas mal chegam, ou nem chegam.

Publicou seu primeiro livro em 1997, *Fortaleza da Desilusão, Capão Pecado* (1999), *Manual prático do Ódio* (2003), *Amanhecer Esmeralda* (2005), *Ninguém é inocente em São Paulo* (2006), entre outros.

Foi com *Capão Pecado*, livro este que o colocou no mercado editorial e no mundo literário, tornando-se referência e objeto de estudos dentro e fora do país, pois neste romance, Ferréz traz personagens reais de Capão redondo, e usa uma linguagem peculiar e inovadora, dotada da linguística daquelas pessoas. O autor afirma que a literatura o salvou de um destino semelhante a daqueles moradores narrados por ele em suas obras.

Ferréz também escreveu histórias em quadrinhos como “Os inimigos não mandam flores” (2005), lançou CDs, tornou-se roteirista de TV, e passou a escrever crônicas para a revista “Caros Amigos”, mais adiante criou a revista “Literatura marginal”, esta que veio dar espaço para pessoas consideradas marginais, como ex- presidiários, representantes das classes populares e moradores da periferia ligados ao movimento Hip Hop.

(...) eu sempre fui chamado de marginal pela polícia e quis fazer como o pessoal do hip hop que se apropriou de termos que ninguém queria usar. Já que eu ia fazer a minha revista maloqueira, quis me autodenominar marginal. Eu fiz como os rappers, que para se defenderem da sociedade, aceitam e usam os termos ‘preto’ e ‘favelado’ como motivos de orgulho. Depois surgiu a revista [Caros Amigos]. (Ferréz apud NASCIMENTO, 2009, p. 43-44)

Ferréz é fundador do DASUL, grupo interessado em promover eventos e ações culturais na região do Capão Redondo, ligados ao movimento hip-hop.

## **2.2 Amanhecer Esmeralda: um novo amanhecer**

Amanhecer Esmeralda (2014), que teve sua primeira edição lançada em 2005, livro que é uma espécie de contos de fadas moderno, que tem por temática a condição precária em que vive o negro, enfatiza o legado dos afro-descendentes no Brasil e a problemática enfrentada por eles ao longo de toda historicidade de nosso povo, passando de pai para filho como uma herança. Focalizando a vida dos menos favorecidos no Brasil, a narrativa conta a história da menina Manhã personagem principal, menina sem perspectiva nenhuma de vida.

Constrói-se inicialmente para o leitor, a imagem de uma menina pequena, negra, pobre, acuada, ainda assim sonhadora, mas com “os pés no chão”. Manhã ver sua vida mudar através da pessoa de seu professor Marcão, que a presenteia e junto à merendeira Ermenlinda, farão uma mudança exterior na menina que virá a se refletir no seu interior. É especificamente em torno deste presente que toda a narrativa se desenvolverá, e que mesmo diante de todos os infortúnios da vida há sempre um novo amanhecer, é a partir daí que a menina Manhã muda sua percepção de mundo e de si mesmo.

## **3 A CONDIÇÃO DO NEGRO REVISITADA: UMA ANÁLISE DA NARRATIVA AMANHECER ESMERALDA, DE FERRÉZ**

### **3.1. As categorias narrativas**

Amanhecer esmeralda, de Ferréz, que tem por temática a condição em que vive o negro no Brasil, focaliza a vida da menina Manhã, personagem principal do texto. Manhã vive o dilema da má condição em que vive o negro neste país, sem perspectiva de vida ao lado dos seus pais, ela descobrirá através da pessoa de seu professor que há sim chances de uma vida melhor.

A narrativa de Ferréz, trabalha na perspectiva do narrador onisciente, aquele que vem ocupar um lugar privilegiado dentro da narrativa, pois é sua voz que posiciona os demais elementos da narrativa.

“Manhã acordou cedo mais uma vez, era sexta-feira, dia de alegria para todas as crianças que estudavam.” (Ferréz, 2014, p. 7)

O método onisciente é usado para representar o conteúdo e os processos psíquicos de um personagem. O narrador onisciente conhece todos os aspectos da história e de seus personagens. Este tipo de narrador descreve para os leitores, sentimentos e pensamentos das personagens, ele também pode narrar fatos que estejam acontecendo em vários lugares ao mesmo tempo.

Chegou à escola no horário certo. A turma estava pegando fogo. Já estava no quarto ano, talvez fosse professora, advogada...

Havia aprendido a **SONHAR**, mas também a pensar com os pés no chão e não gostava disso. Quando se imaginava limpando a casa de alguém por toda a vida que nem sua mãe, uma tristeza invadia seu corpo. ( Ferréz, 2014, pág.13)

O narrador onisciente ocupa lugar privilegiado na narrativa e situa para os leitores os fatos mais importantes do texto.

Há dois espaços na narrativa de maiores evidências, são a casa de Manhã e a escola.

O primeiro tem em sua construção a precariedade da maioria das pessoas que moram na favela, uma casa feita de madeira (barraco), com objetos feitos de caixotes e papelão, só havia em sua construção um cômodo de alvenaria, o banheiro, na residência de Manhã vemos a precariedade na vivência desta jovem criança, o que vem a si refletir também em sua aparência e no seu íntimo.

Foi até a pequena mesa, feita artesanalmente por seu pai com tábuas de caixotes, e não viu nenhum embrulho”. Era mais um dia sem pão.

Pegou a panela onde sua mãe fazia café e olhou dentro.

NADA.( Ferréz, 2014, pág.8)



A vida das pessoas que moram nas comunidades, com casas construídas de madeiras, sem saneamento básico, sem infraestrutura é consequência da má distribuição de renda em nosso país, onde o poder público não constrói habitações adequadas para esta população crescente. Em fins do séc. XIX, as favelas foram os lugares destinados aos ex-escravos, sem opção de moradia e de emprego, o único lugar que restaram aos negros para viverem foi à favela, essa população marginalizada, marginal não pelo crime, mas por políticas que cheguem até eles, sofrem e tem reflexos desastrosos em sua vida social.

Manhã foi até as caixas de papelão, pegou a pequena calça jeans e vestiu. Procurou uma blusinha e achou uma meio desbotada, mas serviu. Saiu do pequeno cômodo feito de madeira e entrou no banheiro, única parte da casa que era de alvenaria.

A menina olhou no pequeno espelho, viu seus cabelos soltos no ar. Lembrou-se do creme de sua mãe, mas também se lembrou das chineladas que ela lhe dava toda vez que via o creme em menor volume no frasco.

Passou a mão pelos fios ainda rebeldes no ar e tentou baixá-los

\_ sabia que era em vão, mas toda manhã fazia isso. Pegou um pouco de água em suas pequenas mãos e passou na cabeça, os fios fixaram um pouco. Em seguida, pegou mais um pouco de água e lavou o rosto. Voltou ao quarto e pegou os cadernos. ( Ferréz, 2014, p. 11)

Segundo Zinani (2006, p.45), o espaço não deixa de ser também uma projeção da personalidade de seus ocupantes. Logo observamos que as ações se passam nesse ambiente tipicamente interior, correlacionamos tal espaço as perspectivas de futuro de Manhã.

Havia aprendido a **Sonhar**, mas também a pensar com os pés no chão, e não gostava disso. Quando se imaginava limpando a casa de alguém por toda a vida que nem sua mãe, uma tristeza invadia seu corpo. (Ferréz,2014, p. 13)

A vida de Manhã é especialmente marcada pela pobreza em que está inserida, numa comunidade periférica chamada 'Jardim das Flores', que em nada seu nome se assemelha ao espaço físico que recebe este nome, pois o

bairro é muito pobre e falta muito para que este venha a ser algo que faça alusão ao seu nome, tendo belas paisagens como a um jardim e bem cuidado com políticas públicas que cheguem até lá para que o bairro da menina Manhã possa ser de fato e ter um nome que faça jus a seu estado real.

O segundo espaço evidenciado na narrativa é a escola, lugar onde a protagonista vai todos os dias, e que Ferréz faz questão de demonstrar o quanto este espaço é importante na vida do ser humano, sobretudo daqueles que estão em crescimento como as crianças, tendo em vista que a escola é uma instituição social que tem a missão de educar, de doutrinar, esta que vem a ser um conjunto dos professores (docentes) e dos alunos (discentes) unidos a um só objetivo o aprendizado.

A escola de Manhã, através das ilustrações do livro, nos mostra que fica também na periferia da cidade e parece ter condições estruturais regulares, na sala do professor Marcão há uma mesa para ele, todos os alunos estão sentados em carteiras conjugadas e cadeiras separadas, aparenta ser semelhante às escolas brasileiras dos grandes centros e das cidades de forma geral (áreas urbana e rural), aonde chegam pouco dinheiro para trato e manutenção destas.

Iniciamos nossa análise das personagens com a protagonista Manhã, menina de nove anos, estudante do quarto ano, tímida, pobre, negra e que desde cedo aprendeu a lavar, cozinhar e arrumar as coisas, tal como uma adulta.

...continuando a conversar, descobriu que ela mesma, ao chegar em casa, fazia os deveres domésticos, cozinhava para comer, lavava a própria roupa,...ou seja, com apenas nove anos de idade, Manhã já tinha responsabilidade de uma mulher.(Ferréz, 2014, p.20)

O segundo personagem em foco é o professor Marcão, este que vem a ter papel fundamental dentro desta narrativa. Marcão tem uma aparência comum, homem branco, bem vestido, discreto e comportamento exemplar, chega as suas aulas sempre no horário certo, ele que sempre estava empenhado em dar não apenas aulas que estão no currículo escolar, mas

empenhado também em dar aulas de cidadania, construir cidadão críticos e ao mesmo tempo conscientes de seus direitos e deveres, sobretudo porque sua turma era da periferia e suas condições de vida muito precárias.

Marcão entrou na sala exatamente às sete horas, pontual como um britânico. Usava sempre camisa social de manga curta, calça jeans desbotada, sapatos de camurça, um pouco de gel no cabelo e tinha uma pasta marrom que o acompanhava em todas as aulas.

Disse um bom dia, sorriu e foi a mesa do professor.

Começou falando sobre linguagem, e logo o assunto foi para a sociedade. Era assim que dava aula: sempre começava com a matéria e partia para uma pequena aula de 'educação social'. Sabia da carência dos seus alunos e tentava apontar desde cedo alguns caminhos para eles. (Ferréz, p.17)

O professor Marcão é querido por todos, ele estabeleceu uma relação de amizade e confiança com sua turma mesmo que ainda fosse pouco o tempo de convívio, e por isso ele se empenhava em trabalhar o senso crítico de seu alunado, a fim de vê-los mais preparados para enfrentar as dificuldades futuras.

O educador tem a possibilidade de ajudar a formar e de reinventar novos conceitos junto a sua turma, tendo em vista que ele é um exemplo que muitos alunos querem seguir.

Gostaríamos, pois, de abrir um breve espaço neste trabalho de pesquisa para refletirmos do professor Marcão, ele que quebra um paradigma dentro da educação, sobretudo na educação nos primeiros anos escolares. Pois o homem ainda é em todos os níveis educacionais uma minoria, espaço que a muito tempo tem sido dominado pelas mulheres, no entanto, sabemos que este espaço hoje com maioria feminina, nos primórdios não se fez assim, tendo em vista que a educação e o ambiente escolar era tipicamente masculino, fruto da sociedade patriarcal, onde apenas os homens recebiam a educação formal e instrucional, restando as mulheres a educação doméstica e quando tinham um poder aquisitivo alto a educação lírica.

Outrora a educação fora pensada e construída para a educação dos homens, com a modernização, os homens passaram a ocupar outros espaços profissionais, e as mulheres passaram a ser convocadas ao magistério, mas

cabe esclarecer que isto não se fez de imediato, muitas foram às batalhas travadas pelas mulheres para que elas mostrassem sua competência para o exercício do magistério. Nos dias atuais, segundo dados do MEC (2011), elas ocupam cerca de 75% do espaço escolar, sendo minoria apenas na docência do ensino superior.

Ferréz traz na figura de Marcão, a quebra desse paradigma ao colocá-lo num ambiente tipicamente feminino, onde ele é professor do ensino fundamental com turma heterogenia em gênero, e não observamos nenhum tipo de preconceito e discriminação na sala do professor e na escola. Pois na maioria dos casos estes profissionais sofrem preconceito, seja pelos próprios colegas de profissão, seja pelos pais dos alunos.

Em geral o preconceito se externa quando pais e demais profissionais da educação veem o professor (homem), como possíveis agressores, ou abusadores, ou mesmo como homossexuais, pondo a prova sua idoneidade profissional e moral.

Acerca disto, Joaquim Ramos (2011) em sua pesquisa para dissertação do mestrado, constatou que: “além da qualificação para o trabalho, o homem precisa provar ter idoneidade moral e física, e identidade sexual ilibada”.

Ramos completa ainda que “as pessoas falam isso de forma convicta: se é homem e trabalha com criança pequena, não é homem de verdade”.

O homem na educação quando não é visto como um perigo para as crianças, este passa à ocupar outro lugar dentro da escola, o de “pai”.

Ramos afirma que:

...por ter se transformado em um espaço muito feminino, no momento em que a escola recebe esse profissional e a comunidade o conhece, as pessoas passam a valorizar sua presença como figura equivalente a paterna...cujas crianças sempre ficam sob os cuidados da mães, tias e avós.(2011, p.89)

Locais onde as crianças tem em sua constituição familiar: a mãe, a tia ou avó, sendo o pai ausente, elas que são carentes de recursos e da presença paterna, acabam adotando o professor como tal.

A imagem de Marcão como professor, este homem, resignifica o ambiente escolar, combate o preconceito, a desvalorização do trabalho docente e construções sociais deturpada que estão dentro da comunidade escolar.

Dando continuidade a análise das personagens, temos a terceira personagem da narrativa que também representa a instituição escolar, é a merendeira Ermelinda, mulher de meia idade, negra, usando roupas e penteados de origem africana, ela externa uma consciência de sua negritude, vemos através das ilustrações do livro, no quartinho da merendeira a imagem de Iemanjá (Ferréz, 2014, p.29) que vem a representar a religiosidade da personagem, Iemanjá que no Brasil é a Rainha do Mar, é a padroeira dos pescadores. É ela quem decide o destino de todos aqueles que entram no mar. A orixá goza de grande popularidade entre os seguidores de religiões afro-brasileiras e até por membros de religiões distintas.

### **3.2. Um olhar sobre o universo de Manhã**

A narrativa nos revela inicialmente o quão difícil é a vida das famílias negras no Brasil, em especial de uma criança negra e pobre, e qual o lugar destinado às pessoas negras, num país onde o negro ainda é tema e o branco sistema, ou seja, regra, apesar de o Brasil ser o país com maior população negra fora da África, ainda vemos muitos preconceitos e discriminação a serem combatidos.

Partimos, pois deste princípio para discutirmos acerca da vida da menina Manhã e das questões centrais que permeiam a narrativa. O autor projeta a imagem de Manhã como uma menina que apesar da pouca idade, nove anos, tem consciência de sua condição precária de vida e que há muito a ser feito para que ela mude sua própria história. Manhã tem dois exemplos bem comuns de pais com pouca condição socioeconômica, podemos perceber no texto de Ferréz, que ele traz a imagem dos pais da menina da seguinte maneira: os pais de Manhã aparecem no texto como pessoas sem nomes, esta ausência de nomes lhes negavam de algum modo a identidade.

Segundo Bauman (2005, p16.) diz que “a identidade é o reconhecimento do ser humano como sujeito de uma sociedade”. Sem tal reconhecimento, o ser humano nunca se torna sujeito.

Observamos que nos relatos da própria menina, que a mãe acaba sendo uma pessoa ausente, através das imagens que o texto traz vemos que a mãe não se preocupa com trato físico e alimentício da menina, tendo em vista que ela sai muito cedo para o trabalho e não deixa a menina arrumada para a escola e nem alimentada.

Foi até a pequena mesa, feita artesanalmente por seu pai com tábuas de caixotes, e não viu nenhum embrulho.

Era mais um dia sem pão.

Pegou a panela onde sua mãe fazia café e olhou dentro.

NADA” ( Ferréz,2014, p.8)

\_Ah! Meu pai bebe um pouco, né, tenho vergonha de falar, mas ele não bate na minha mãe, não. Já a minha mãe trabalha até a noite na casa da dona Flávia, a patroa dela. (Ferréz, p.18)

Já o pai apesar de “beber um pouco não bate na mãe”, contudo, o pai de Manhã se faz presente no que toca aos estudos da menina, se preocupando com os estudos dela, olhando as lições aos sábados e a incentivando a continuar a estudar e ter um futuro melhor através da educação.

\_Istude, mia fia, istude pra num ficá que nem seu pai.

Ouvia isso todo sábado, dia em que seu pai via seus cadernos.

Ele passava os olhos rapidamente pelas matérias e dizia a mesma frase.(Ferréz,2014 p. 14)

Todavia, perpassando a narrativa, percebemos que as atitudes dos pais de Manhã não se fazem por má fé, eles são frutos do descaso e do pouco poder aquisitivo de muitas famílias brasileiras, pois a mãe acorda muito cedo para trabalhar, e passa de dona de casa, mãe, à provedora do lar, já o marido desempregado, embriaga-se, sua embriaguez apenas o agride, contudo, mesmo sem instrução ele não se esquece de sua filha e de seu futuro.

Filha de diarista (mãe) e de trabalhador da construção civil (pai), ele que se insere no quadro de desemprego do nosso país, em que obriga esta classe a tornar sua condição social desfavorável, aumentando ainda mais o grau de pobreza. Nesta proporção, Manhã vê-se obrigada a cuidar dos afazeres domésticos, já se preparando talvez para ser uma diarista também, e isto assustava a menina: “Quando se imaginava limpando a casa de alguém por toda a vida que nem sua mãe, uma tristeza invadia seu corpo.” (Ferréz, 2014, p. 13)

Um dos momentos mais importante do conto se dá quando o professor Marcão passa a observar sua aluna Manhã, esta que sempre estava acuada no canto da sala e a chama para uma conversa, através dessa conversa Marcão passa a conhecer as reais condições em que vive aquela aluna, ela que esta sempre no cantinho da sala mal vestida, quieta, sem muitas palavras. Assim dialogando com Manhã, ele passa a entender a realidade social e familiar da menina, e o porquê dela ir tão mal vestida e arrepiada à escola, e começa a refletir sobre a vida dela, ela que aprendeu a fazer serviços domésticos desde cedo, a não ter nem o pão nem café de manhã, poderia vir a sonhar em ter um futuro positivo, proveitoso, já que ela sonhava em ser professora, talvez advogada.

Chegou à escola no horário certo. A turma estava pegando fogo. Já estava no quarto ano, talvez fosse professora, advogada... (Ferréz, 2014, p.13)

Será através destes relatos, que Marcão resolve dar de presente a Manhã um vestido (cor esmeralda), que no estudo das simbologias das cores o verde representa a esperança, esperança de dias melhores, mas entendemos que a cor esmeralda que Ferréz traz em seu texto, também simboliza a pedra rara e preciosa esmeralda, tratando a menina como uma joia rara, que merece bom tratamento, cuidados e lapidação. Ao presentear a menina o professor também lhe propicia felicidade, para Manhã ter uma roupa nova era algo raro.

Pensou por alguns minutos e resolveu sair. A caminho de casa, viu uma loja de roupas femininas e entrou...

\_Sabe o que é Manhã...estava passando em frente a uma loja de roupas ontem e decidi comprar uma coisa. Queria que você não me levasse a mal, porque é bem simples, mas comprei isto para você...

Manhã arregalou os olhos negros, pegou o pacote com delicadeza e perguntou se podia abrir. Com a aprovação do professor, tirou o durex delicadamente e abriu a embalagem. Estendeu o vestido, que era de um verde diferente que ela não sabia o nome.

\_ Que lindo, professor! Muito obrigada! Que cor é essa?

A resposta de Marcão foi imediata.

**Esmeralda.** (Ferréz, 2014, p.21,22, 25 )

Além disso, Marcão também pede para a menina falar com a merendeira da escola chamada dona Ermelinda, esta conhecedora e praticante das heranças africanas. Dona Ermelinda ao conhecer Manhã fica encantada com a beleza da menina, pois a todo momento fala do quão linda ela é.

Manhã não tem noção de sua beleza, na verdade ela pouco se olhava no espelho e quando se via não gostava muito, o cabelo sempre arrepiado, ela dispunha de pouco para cuidar de sua aparência.

Manhã foi até as caixas de papelão, pegou a pequena calça jeans e vestiu". Procurou uma blusinha e achou uma meio desbotada, mas serviu...

A menina olhou no pequeno espelho, viu seus cabelos soltos no ar. Lembrou-se do creme de sua mãe, mas também se lembrou das chineladas que ela lhe dava toda vez que via o creme em menor volume no frasco.

Passou a mão pelos fios ainda rebeldes no ar e tentou baixá-los

\_ sabia que era em vão, mas toda manhã fazia isso. Pegou um pouco de água em suas pequenas mãos e passou na cabeça, os fios fixaram um pouco. Em seguida, pegou mais um pouco de água e lavou o rosto. (Ferréz, 2014, p.11)

Ermelinda pede para manhã tomar banho e diz que fará penteados que a menina ficará ainda mais linda, colocando o vestido na cor esmeralda e entrançando o cabelo, a merendeira passa a contar a menina histórias de seus ancestrais africanos, histórias que a menina desconhece. Dona Ermelinda faz questão de instigar Manhã a usar cortes e roupas de origem africana não apenas pela estética, pois esta fala também sobre as raízes africanas, afim de



que a menina conheça de onde vieram seus traços físicos e culturais. Contando histórias de rainha africanas dona Ermelinda passa a comparar à beleza da menina a das rainhas fazendo alusão à ancestralidade dela, para que esta venha a se reconhecer e enaltecer suas heranças negras.

Dona Ermelinda disse:

\_Então, toda menina afrodescendentes devia fazer isso, usar mais cortes que têm a ver com o nosso povo, com a nossa história. Vou te pedir uma coisa: ali do lado tem um chuveiro, você vai lá, toma um banho gostoso, que eu vou pôr o vestido em você e fazer tranças.

Manhã pensou em retrucar, afinal estava com vergonha de toda aquela situação, mas pensou que ficaria linda e resolveu ir.

Enquanto fazia tranças, dona Ermelinda falava sobre as raízes africanas dos negros. Disse que manhã devia ser descendentes de uma linda rainha, de algum dos reinos a que pertenciam os negros escravizados trazidos para cá.” (Ferréz, 2014, p.31,32)

Perpassando a narrativa, torna-se possível a percepção do momento em que Manhã passa a estranhar as atitudes de Marcão e de dona Ermelinda, entretanto, a menina percebe que eles querem ajudá-la a melhorar sua imagem, ela em nenhum momento retruca ao que eles lhe propõem, apesar de a todo instante sentir-se envergonhada, ela deixa levar-se pela vontade de estar linda, e com todos aqueles mimos que há muito Manhã não era presenteada.

Manhã pensou em retrucar, afinal estava com vergonha de toda aquela situação, mas pensou que ficaria linda e resolveu ir. (Ferréz,2014, p.31)

Um dos pontos mais importantes da narrativa, se dá quando a menina Manhã passa a descobrir-se através do espelho, esse descobrir-se é, assim, uma revelação de si mesma. Ao olhar-se no espelho a protagonista vê no reflexo de si mesma, imagens identitárias positivas de seus ancestrais.

O espelho também é um condutor do despertar da protagonista para sua identidade africana, ao ver sua imagem refletida, vê-se também semelhante a aquelas rainhas de quem lhe falava dona Ermelinda.

A menina estava **ENCANTADA** com todas aquelas histórias, mas ficou ainda mais quando viu no espelho, uma hora depois, como havia ficado as tranças...( Ferréz, 2014p.32)

Foi ao banheiro e não teve que molhar o cabelo, pois as tranças estavam do jeito que foram feitas. Olhou bem para o rosto no espelho e reconheceu os traços daquela rainha africana de que dona Ermelinda havia falado. Não tinha mais vergonha de seu nariz, não tinha mais vergonha de sua boca.

Era assim que a **RAINHA** devia ser.( Ferréz, 2014, p.44)

Percebe-se no livro referido, uma imagem positiva em relação aos estereótipos conhecidos nas camadas sociais e na própria literatura infanto-juvenil no que concerne à figura do negro. Há uma (re) leitura e/ou uma (re) criação do ser humano. É foco deste estudo a análise da representação/configuração da figura do negro do texto em questão e o uso das imagens gráficas para estabelecer um molde da estética do negro.

Nas ilustrações que o texto de Ferréz (2014) traz, observamos uma configuração icônica alegre, pungente ao se utilizar de elementos gráficos como cores vibrantes e fortes nos momentos em que a narrativa perpassa de tristeza à alegria os quais a personagem Manhã está experimentando. No início da narrativa são colocadas as questões étnico-raciais em relação ao negro. Situação esta caótica e triste. A protagonista é retratada pela configuração gráfica do texto de forma triste e desordenada. Percebe-se isto quanto à coloração dos desenhos (em preto e branco) e na representação facial de “Manhã”.

No momento em que a narrativa atinge o ponto de reversão ( momento em que o professor de “Manhã” a presenteia com um vestido de cor esmeralda, p.25), tanto a linguagem verbal quanto a linguagem não verbal apresenta um ponto de transmutação. Em relação ao texto escrito, observa-se o uso de adjetivos positivos, a referência aos aspectos culturais africanos, etc. Já o texto gráfico apresenta a capitalização da fonte da letra impressa nos adjetivos

positivos atrelados à protagonista, a mudança do uso das cores nas páginas; os traços raciais dos personagens representam contentamento e satisfação, entre outros.

Acerca do uso da linguagem verbal em que Ferréz traz nesta narrativa, observamos que em alguns momentos do texto que o autor traz as palavras: NADA, SONHAR, DOLOROSO, ESMERALDA, ENCANTADA, RAINHA E AMANHECER, estas com um significado ora real ou simbólico no que toca aos sentimentos das personagens.

Vemos que o NADA (advérbio de negação) também nega a menina Manhã uma vida digna, com alimentação e boa moradia, bem como boas roupas.

Foi até a pequena mesa, feita artesanalmente por seu pai com tábuas de caixotes, e não viu nenhum embrulho”. Era mais um dia sem pão.

Pegou a panela onde sua mãe fazia café e olhou dentro.

**NADA.** ( Ferréz, 2014, pág.8)

Já o SONHAR (verbo), simboliza a aspiração de dias melhores, mesmo que a pequena tivesse consciências de sua vida.

Havia aprendido a **SONHAR**, mas também a pensar com os pés no chão e não gostava disso. Quando se imaginava limpando a casa de alguém por toda a vida que nem sua mãe, uma tristeza invadia seu corpo. ( Ferréz, 2014, pág.13)

Já a palavra DOLOROSO (adjetivo) representa os sentimentos do professor para com a vida tão difícil da menina Manhã, que esta tão nova, mas já havia aprendido desde cedo que a vida não é fácil, ao invés da menina estar brincado com bonecas e/ou com outras crianças, estava lavando, limpando e cozinhando, tarefa atribuída a adultos e não a crianças.

Para ele foi **DOLOROSO** ouvir aquilo tudo. Já tinha perguntado no início do ano sobre os sonhos de cada um e sabia que Manhã queria ser professora em primeiro lugar. Mas Marcão se perguntava como ela podia sonhar com uma vida melhor, se já estava sendo preparada para ser diarista desde a infância ( Ferréz, 2014, p.21)

Com a palavra **ESMERALDA** que no texto aparece como um adjetivo, e não no seu sentido primitivo que é um substantivo, vemos a adjetivação do professor Marcão ao vestido para simbolizar a beleza e valorização do professor para com a menina, quando ele cita para a menina que a cor do vestido é esmeralda ao invés de dizer é verde ele demonstra para ela que o presente é raro, único, assim como ela.

\_ Que lindo, professor! Muito obrigada! Que cor é essa?

A resposta de Marcão foi imediata.

**Esmeralda.** (Ferréz, 2014, p.21,22, 25 )

Com a palavra **ENCANTADA** (verbo- particípio), no texto de Ferréz vemos esta palavra com uma variação, na narrativa a palavra é trabalhada como um adjetivo qualifica o modo como Manhã se sente ao ver-se tão bonita, como antes nunca tenha se visto.

A menina estava **ENCANTADA** com todas aquelas histórias, mas ficou ainda mais quando viu no espelho, uma hora depois, como havia ficado as tranças. ( Ferréz, 2014, p.32)

Já a palavra **RAINHA** (substantivo) não foge a sua origem gramatical, pois a palavra rainha aparece na narrativa como sendo a visão que Manhã tem de si mesma ao acordar e ver-se ainda bela, fazendo alusão de sua beleza ao acordar a de uma rainha, como dona Ermelinda havia contado.

Foi ao banheiro e não teve que molhar o cabelo, pois as tranças estavam do jeito que foram feitas. Olhou bem para o rosto no espelho e reconheceu os traços daquela rainha africana de que dona Ermelinda havia falado. Não tinha mais vergonha de seu nariz, não tinha mais vergonha de sua boca.

Era assim que a **RAINHA** devia ser. ( Ferréz, 2014, p.44)

Vemos o momento de reversão na vida de Manhã quando ela chega até a sua casa, após ter sido bem tratada por Marcão e dona Ermelinda, é

perceptível a mudança de atitude do seu pai (Zé) quando ele ver o quão linda ficou sua filha ao entrançar os cabelos e ao vestir um novo vestido, seu pai ficara encantado em ver o quanto a menina ficou linda com aquela transformação. A partir deste momento, observa-se o conflito instaurado entre o pai e sua visão da casa mal tratada e de sua filha tão bem cuidada. O pai entende naquele instante e se pergunta como poderia ter uma filha tão bonita em casa e deixá-la numa casa tão mal cuidada?

Manhã chegou em casa com mais de uma hora de atraso.

Quando entrou seu pai estava sentado no sofá. Ele quase perguntou quem era aquela linda menina. Apesar de toda bebida que consumia, ainda conseguia enxergar sua própria filha, mesmo estando linda como nunca.

- Nossa fia, o que aconteceu? Você tá linda!

- Brigada, pai. Foi o professor que me deu este lindo vestido cor de...ah, não lembro o nome da cor, mas foi ele quem me deu.

- E quem fez essas tranças bonitas aí? – pergunta o pai.

\_ Foi a dona Ermelinda, pai, ela caprichou e ficou muito legal.

( Ferréz, 2014, p. 34)

Vemos que a mudança exterior da menina Manhã provoca também uma mudança interna no seu pai, pois mesmo embriagado ele percebe o quão linda ficou sua filha com a ajuda do professor e da merendeira. Com isto, ele percebe que a muito a ser feito para que possa melhorar a vida de sua filha, e que ele não fazia e nem tinha noção da necessidade de mudança.

O pai de manhã então sentou novamente e começou a olhar pro barraco. Olhava para menina e olhava pro barraco...

Em alguns minutos percebeu que não combinava uma menina tão bonita num barraco tão bagunçado e sujo. Resolveu levantar e sair.

Depois de algum tempo, voltou com uma lata de tinta, começou a mexer em toda a casa, arrastando móveis de um lado para o outro. Manhã perguntou o que ia fazer, e ele disse:

- Vou pintar tudo, mia fia, vou arrumar tudo. Você é muito linda pra ficar num lugar desse. ( Ferréz, 2014, p. 37)

A mudança exterior de Manhã também veio a se refletir no modo como seu pai se portava e se vestia, após arrumar toda a casa e cuidar do jantar, seu pai também passa a olhar-se e a se arrumar como outrora fazia, na época em que namorava a mãe de Manhã.

Ferréz traz em seu texto a demonstração de que as coisas simples são extremamente importantes para fazer alguém feliz, pois os pais de manhã ficam tão encantados com a beleza da menina que isto os contagia, vemos isto quando seu pai arruma todo o barraco e se arruma, além de fazer o jantar, já a mãe quando visualiza sua casa tão bela, quase não reconhece, ao entrar em casa e vê as mudanças na casa, em sua filha e no seu marido fica encantada e quase pergunta se é aniversário ou tem alguma comemoração, pois apenas nestas ocasiões reuniam-se em torno da mesa e se tinha um banquete como aquele, além de ver o quanto sua casa estava limpa e bem cuidada.

Quando sua mãe chegou de noite, não acreditou, quase errou de casa: o barraco estava todo pintado de azul, com duas lâmpadas iluminando a frente. Um grande sorriso saiu de sua boca, e ela correu para falar com o seu marido. Ele estava com uma camisa social do tempo em que ainda namoravam, ela nunca mais tinha visto ele assim...E, na mesa, tinha um pequeno banquete: cuscuz, pães e um frango assado.

Ela ia perguntar se era aniversário, alguma comemoração, mas antes olhou para Manhã e quase não reconheceu sua pequena filha. Chegou mais perto e disse:

- Meu Deus do céu! O que aconteceu com você, criatura?

Você tá linda! (Ferréz, 2014, p. 38)

Com as mudanças ocorridas na vida de cada membro da família da pequena menina, eles puderam resgatar algo que eles haviam perdido ao longo do tempo, o prazer de sentar-se a mesa juntos, conversar e saber o que cada um fez nos últimos tempos, sobre o que Manhã aprendeu naquele dia junto à dona Ermelinda, sobre as histórias das rainhas africanas, naquele dia nem a televisão foi ligada.

Manhã explicou sobre o presente do professor e contou a história que dona Ermelinda havia contado, sobre histórias de rainha vindas dos reinos africanos. Naquele dia todos se sentaram à pequena mesa, feita com caixotes, e conversaram.

Naquele dia a televisão não serviu pra nada, ficou muda no canto da pequena sala. (Ferréz, 2014, p. 39)

A mudança desta pequena família também tem reflexos na vizinhança de Manhã, pois ao verem a casa da menina, os vizinhos sentem uma pequena inveja, mas esta inveja nada mais é do que o sentimento de quererem também ver seus barracos bonitos, bem pintados, cuidados, ficam tão contagiados com as casas arrumadas que reúnem-se para juntos calçarem a rua do Jardim das rosas, que com tanto cuidado e bons tratos passam a mudar aquela imagem de bairros sem políticas públicas eficazes à de fato um bairro que se assemelha a um jardim tão cuidado e colorido.

Dona Tonha, vizinha...Quando saiu para comprar o pão, não acreditou no que viu: o barraco de seu Zé tava lindo, todo pintado de azul com duas lâmpadas na frente; olhou fixamente para o barraco e foi comprar o pão. Quando chegou em casa, comentou com o marido:

- sabe o Zé, o vizinho?...

- Então, aquele nego metido arrumou todo o barraco.

Ele ta pensando que é quem, hein? Hoje mesmo vou no sô Toim comprar tinta e dar um trato aqui...(Ferréz, 2014, p. 40)

A rua inteira viu dona Tonha pintar o barraco, e alguns moradores começaram a se lembrar de coisas que deveriam fazer há muito tempo.

Um se lembrou de fazer um na frente, o outro de pôr uma caixa d'água na laje. O sô Toim, dono do depósito, ficou tão contente com as vendas que propôs aos moradores fazerem um mutirão e calçarem a rua.

Em poucos dias, todos se reuniram e trabalharam muito espalhando concreto, afinal as casas estavam pintadas e não podiam ficar numa rua toda de barro. (Ferréz, 2014, p. 43)

Vemos enfim, que com aquele simples presente que o professor Marcão deu a Manhã e dona Ermelinda ao contar a pequena menina história de seus ancestrais, fez mudanças não apenas na vida de sua aluna, a mudança exterior de Manhã se refletiu em seus pais, e em seus vizinhos. Eles puderam ter um novo amanhecer.

A narrativa de Ferréz traz um legado cultural africano, podemos traçar um breve comparativo entre Amanhecer Esmeralda e outras obras tão bem difundidas dentro da literatura infanto-juvenil. O livro de Ferréz é comparado ao conto Cinderela por Freitas (2010) em seu estudo sobre A representação de

manifestações culturais africanas em *Amanhecer Esmeralda*. Ele faz comparações das características que compõem as narrativas, seja pela aparência física (meninas sujas, mal tratadas) das protagonistas, seja pelo espaço físico, ou mesmo a influência da fada madrinha no desenvolvimento do enredo, na obra de Ferréz a fada madrinha de Manhã é seu professor Marcão, ao presenteá-la ele acaba mudando muito a vida e os sentimentos da menina sobre o mundo e sobre si mesma, pois o papel que aquele vestido representa é simbolicamente uma transmutação ocorrida na vida tanto de Manhã quanto de Cinderela. Mas consideramos que não apenas as características que permeiam as duas narrativas são determinantes para que eles sejam bem difundidos dentro das escolas, ambas as narrativas trazem mensagens importantes na construção das identidades das crianças que as leiam.

A construção da imagem positiva (na linguagem não verbal) é importante para o universo infantil, uma vez que esta constitui um valor para o imaginário da criança. Sabe-se que, segundo Fiorin (2001, p.55) “[...] A linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem.”. Considerando os estudos dos personagens na arte literária, o educador tem a possibilidade de abordar uma releitura sobre o ser humano, em especial a figura do negro, através das linguagens verbal e não verbal. Portanto é importante associar o texto escrito (linguagem verbal) ao texto icônico (linguagem não verbal), preterivelmente, quando o público-alvo é a criança.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de nossa pesquisa, foi possível observar como se deu a construção da imagem do negro e de sua historicidade dentro da sociedade brasileira, e o quão difícil foi para que eles conseguissem seu espaço na sociedade.

Constatamos a relevância da literatura de Ferréz no contexto contemporâneo, pois seus textos buscam romper com as fronteiras da literatura tradicional, aproximando sua literatura de todas as classes socioculturais. Ferréz trás um realismo exacerbado, sob o ponto de vista de quem muito conhece a pobreza e a violência da periferia, o morador.

Verificamos que no livro Amanhecer Esmeralda, ferréz evidencia o espaço atribuído ao negro até hoje, a favela, evidenciando assim a herança escravagista da segregação, do preconceito/racismo/discriminação, ainda muito forte em nossa sociedade e na cultura do branqueamento velado que ainda esta arraigada dentro de nossa sociedade.

No que diz respeito à construção da identidade, observamos que a menina Manhã estava relegada a uma vida difícil, onde o espaço atribuído a ela e sua família eram: a mãe o de empregada doméstica, ao pai o de desempregado da construção civil e aquela menina que tinha muito a construir e a sonhar? Ferréz deixa-nos um legado cultural africano, pois a representação das manifestações culturais africanas em Amanhecer Esmeralda são fortíssimas.

Concluimos nossa pesquisa com o sentimento de contribuição para aqueles que buscam resignificar os estudos em torno da literatura infanto-juvenil, bem como da cultura africana e, também, reconstruir a identidade dos descendentes africanos. Almejamos, assim, despertar o interesse dos leitores para a negritude e identidade na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo e preconceito e discriminação na educação infantil*. 2ed. São Paulo: contexto, 2003.

FAZZI, Rita de Cássia. *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito*. Belo Horizonte: autêntica, 2006.

FERRÉZ. *Amanhecer Esmeralda*. 2ed. São Paulo: DSOP, 2014.

FERREZ. Disponível em: [Tatodemacedo.blogspot.com.br/2009](http://Tatodemacedo.blogspot.com.br/2009). Acesso em: 13 de junho de 2014

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto. Leitura e Redação*, 2001

FREITAS, Gabriel Domício Medeiros Moura. *Apresentação de manifestações culturais africanas em Amanhecer Esmeralda*, de Ferréz. V.1, N.1. João Pessoa: Cadernos Imbondeiro, 2010

KRAMER, Sonia. *Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças*. Cadernos de pesquisa, nº116, p. 41-59, jul/2002.

LOPES, Ademil. *Escola, socialização e cidadania: um estudo da criança negra numa escola pública de São Carlos/SP*- São Carlos: EDUFSCar, 1995.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: uso e sentidos*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. *Superando o Racismo na escola(org.)*. 2ed. Brasília: MEC/Secad, 2005.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes. *A alteridade e a construção de identidades pedagógicas: (re)visando teorias dialógicas*. In: CORACINI, Maria José; GRIGOLETTO, Marisa; MAGALHÃES, Izabel (org.). *Práticas Identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006 p. 27-44.

FERREZ. Disponível em: [Tatodemacedo.blogspot.com.br/2009](http://Tatodemacedo.blogspot.com.br/2009). Acesso em: 13 de junho de 2014

PEREIRA, José Maria Nunes. *Colonialismo, Racismo, Descolonização*. Revista Estudos Afro-Asiáticos, n.2, maio/agosto, 1978.

RAMOS, Joaquim. *Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações ou gênero na rede municipal de Belo Horizonte-MG*. Belo Horizonte, 2011.

SILVA, Martiniano J. *Origens, modalidades e formas de racismo*. Disponível em: [http://\grabois.org.br\portal\cdm\revista.int.php?id\\_sessao=50&id\\_publicacao=133&id\\_indice=650](http://\grabois.org.br\portal\cdm\revista.int.php?id_sessao=50&id_publicacao=133&id_indice=650) Acesso em: 17 de junho de 2014.

STEPAN, Nancy Leys. *Raça e Gênero: o papel da analogia na ciência*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.